



Poesia

Adriano Wintterⁱ

EVENTOS

o dia desliza
echarpes de ar
no rosto dos ramos

a luz
zonga de azul
cambaleia em
copas
se ampara em
postes
e desmaia em
muros

gigantescas e puras
BOMBAS DE NUVENS
explodem brancos

POÉTICA

I

a beleza tem leis
que as palavras apagam
quando grafam seu gênesis
no princípio da página

e revelam que o belo
surge brusco e sozinho
como sonho ou delírio
nas pupilas da linha

(não há luz que construa
nem engenho que gere
sua flor na brancura
insondável do cérebro
onde pétalas lusas
ditam versos inéditos)

ela anula a estrutura
cinde a lira do logos
parte o fêmur do número
ri do rosto de Apolo
e na mão do arquiteto
crava o da(r)do do acaso

quando quer, como quer
tudo - a si - submete
tem um trono no caos
outro sólio na ordem

reino (em branco) do arcano
onde incógnita impera
às vogais, consoantes
dando timbre e mistério

II

a beleza tem leis
que o poeta obedece
feito cego refém
de suas normas secretas

as safiras da forma
ele pensa que amolda
que lapida, que pole
ou colares concebe
mas as pedras precisas
são geradas por ela

ruge azul e se insere
no momento que escolhe
e no molde que elege
pressionando sua mente
a cingir cada verso
da maneira que pede

advém do inconsciente
que antecede a palavra
e em riquezas excede
as jazidas da fala

um silêncio que ao léxico
alimenta e revela
hermetiza e esclarece
ou destrói, desespera

luta eterna do ser
contra o som e o alfabeto
contra a arte que o diz
sem contudo expressá-lo

III

a beleza tem leis
que o poeta ignora
apesar de contê-las
na extensão de sua obra

linha a linha reflete
harmonias herméticas
de suas luzes simétricas
que jamais entrevê
mas cintilam no avesso
do céu negro que versa

lê de luas ilógicas
raios presos nas letras
tão sutis que velozes
somem quando aparecem
lê de estrelas o eco
sob as trevas fonéticas

e por todo poema
em discurso de eclipse
lê o zênite líquido
do vocábulo impresso

mas em língua ilegível
- um dialeto do nada -
que reflete o invisível
escrevendo o que apaga

lê a lei do silêncio
no limite da lauda:
a poesia começa
onde o verbo acaba

EXI-LAR

contrário a toda paixão

e suas rápidas
diásporas

amar
é ser longe

amar
é estar outro

eternamente
no continente do mesmo corpo

SILO

I

ceifo safras
de pássaros

guardo voos
no silo

depois lavo
na arte

e nos versos
afio

a famélica
e ágil

foice lírica
da íris

II

planam sempre
que abro

(tristes tempos
de estio)

esse silo
fantástico

onde fomes
sacio

INFLORAÇÃO

árvore magna, seca
na rua nublada
um negro
bulbo com braços
grossos
que sobem tortos
bem
diante da igreja
gótica
em Porto Alegre

diria que ora
nua
ao céu clamando
cura
pura e flórea
- ácida -
da lepra dos musgos
e
da praga das barbas

AORTA

I

descubro

diante do bar

o coração do bairro

dezenas
de pássaros
numa só árvore

bombeando cantos
ao fim de tarde

II

que importa
se ruas
artérias ab-surdas
sequem
entre prédios?

irriga-se
a Musa: aorta
etérea

CÉU ÉBRIO

bebeu
todo vinho
suave da noite

quebrou
sua taça
infinita de estrelas

e acordou
solarmente na rua
com bandos de aves
no terno azul

ⁱ ADRIANO WINTTER - Nasceu em Porto Alegre/RS. Foi vencedor do Femup 2010, com o poema "os átilas", e integrou sua antologia. Tem outros poemas publicados nas Revistas Germina, Aliás e no Jornal Poesia Viva.

Edita o blog: <http://adrianowintter.wordpress.com>

Email: ars.poetica.aw@hotmail.com